

A REPRESENTAÇÃO DO SUBALTERNO EM *BORDERLANDS/LA FRONTERA*, DE GLÓRIA ANZALDÚA

Carlos Vinícius da Silva Figueiredo¹

A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. Los atravessados live here(ANZALDÚA, 1987, p.25).

RESUMO

Criada no ano de 1821, a fronteira entre México e Estados Unidos não só demarcou um espaço territorial, mas também estabeleceu um abismo entre dois povos, onde se romperam crenças, sonhos e culturas. Ao narrar as precariedades da vida fronteiriça, Gloria Anzaldúa, em seu livro *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*, consegue dar voz aos sujeitos subalternos que povoam a obra, relatando sua experiência como Chicana, lésbica, ativista e escritora que cresceu na fronteira entre México e Estados Unidos. A obra de Anzaldúa rediscute o conceito de fronteira, não apenas como uma divisão territorial, mas também como uma divisão acerca da identidade cultural, social e física que distanciam os povos e suas relações de poder. Segundo a autora, “The U.S.-Mexican border *esunaheridaabierta* where the Third World grates against the first and bleeds [...] - a border culture [...]” (ANZALDÚA, 2012, p.25). Diante disso, entende-se “subalterno” como expressão que se refere à perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica - daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado - bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico. Observa-se que a condição de subalternidade é a condição do silêncio, ou seja, o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. GayatriChakravortySpivak, no texto “Canthesubalternspeak?”, aponta para o termo “subalterno”, não apenas como uma palavra clássica para o oprimido, mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o “subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é.” *Borderlands/La frontera* lida com a representação da figura do subalterno, a expressão do dominado, do oprimido, da dualidade entre a opressão e o processo de resistência na pós-colonialidade.

Palavras-chave: cultura, identidade, fronteira, subalternidade, pós-colonialismo.

ABSTRACT

Built in 1821, the border between Mexico and the United States not only staked a territorial space, but also established an abyss between two nations, which broke beliefs, dreams and

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana. São Paulo/SP. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul.

cultures. By recounting the precariousness of the life in the borders, Gloria Anzaldúa, in her book *Borderlands / La Frontera: The new mestiza*, gave voice to subordinate subjects that populate the work, describing her experiences as a Chicana, lesbian, activist and writer who grew up on the border between Mexico and the United States. The book by Anzaldúa discusses the concept of border, not only as a territorial division, but also as a division on the cultural, social and physical relations that separate people and their power. According to the author, "The US-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds [...] - a border culture [...]" (ANZALDÚA, 2012, p.25). Therefore, we understand "subaltern" as a term which refers to the perspective of people from regions and groups that are outside the hegemonic power structure - this concept of subordination requires a territorial space defined and demarcated - as well as those who are outside the hegemonic thinking. It is observed that the subaltern condition is the condition of silence, in other words, the subaltern necessarily lacks a representative on its own muted condition. Gayatri Chakravorty Spivak, in the text "Can the subaltern speak?", presents the term "subaltern", not only as a classic word for the oppressed, but as a representation to those who can not be placed in a globalized context, capitalist, totalitarian and excluding in which the "subaltern is always the one who can not speak, because if they do so, they are not." *Borderlands / La frontera* deals with the representation of the subordinate figure, the expression of the dominated, the oppressed, the duality between oppression and resistance in the process of post-colonialism.

Keywords: culture, identity, border, subordination, postcolonialism.

"I am a border woman". Esta é a forma com que Gloria Anzaldúa se caracteriza no prefácio da primeira edição de seu livro *Borderlands/ La frontera: The new mestiza*. Esta definição expõe desde o início da obra o lócus cultural e enunciativo da autora chicana² que procurou dar voz aos excluídos da sociedade.

Mulher, feminista, lésbica, chicana, ativista e escritora, Gloria Anzaldúa foi uma intelectual pública comprometida com seu tempo. Nascida no dia 26 de setembro de 1942, na cidade de Raymondville, Texas, EUA, a escritora é a sexta geração chicana de sua família. Filha de imigrantes mexicanos, viveu próximo à fronteira dos Estados Unidos e México, na cidade de Jesús Maria, passando sua infância em Rio Grande Valley, no Sul do Texas. Sua obra retratou a difícil missão de se estabelecer do outro lado da fronteira, criando um espaço cultural e político em que os indivíduos subalternos tivessem lugar e representação.

² Entende-se neste artigo o termo chicana como cidadã norte-americana com ascendência mexicana. Citando o exemplo de Anzaldúa, por ser a sexta geração chicana de sua família que já ocupava o território antes de pertencer aos Estados Unidos da América.

A marca do discurso biográfico rasura toda sua obra, deixando exposto o objetivo de se fazer presente e ouvida pela sociedade, ou seja, uma nova historiografia contada a partir dos silenciados e subalternos, conforme sugerido por Edward Said (2005).

Estruturalmente, a obra está dividida em prosa e poesia, possui sete capítulos e quarenta subcapítulos. A primeira parte, em prosa, apresenta uma narrativa biográfica, na qual Anzaldúa discorre sobre questões culturais, de religião, sexualidade e imigração, atravessadas pelo posicionamento linguístico agressivo. Após as notas do texto, o livro apresenta seis novos capítulos com canções, poesias e rezas. Escrita em língua inglesa e espanhola, a obra exige do leitor atenção e conhecimento das variações existentes em ambas as línguas, revelando um posicionamento ideológico que marca seu lugar como chicana.

Para Norma Cantú e Aída Hurtado, escritoras do prefácio da quarta edição do livro, Anzaldúa estabelece a fronteira entre dois países como uma metáfora para todos os tipos de travessias-entre limites geopolíticos, transgressões sexuais, deslocamento social e vivência em múltiplos contextos culturais e linguísticos.

É oportuno observar as palavras de Nolasco (2013), ao apontar que o projeto teórico-político de Anzaldúa se relaciona com a sua necessidade biográfica de desfazer o duplo lugar de fala subalterna que lhe foi imposto desde a infância, como mulher numa nação colonizada e em conflito cultural permanente. Segundo Anzaldúa, onde “*la guerra de independencias* a constant” (p.15).

Nesse sentido, Anzaldúa representa a figura de uma intelectual pública, como sugere Edward Said (2005). Trata-se do papel público do intelectual como um *outsider*, um “amador”, um perturbador do *status quo*, cuja tarefa é derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação. Posicionamento adotado por Anzaldúa ao afirmar que “There is a rebel in me- the Shadow-Beast. It is a part of me that refuses to take orders from outside authorities” (p.16).

Em janeiro de 2012, vinte e cinco anos após a primeira publicação, em 1987, o livro *Borderlands/La frontera* estava entre os livros banidos pelo Sistema Unificado de Escolas Tucson, no Arizona, como parte do cumprimento de uma lei que baniu os estudos Mexicano-Americanos nas escolas públicas.

Tal informação, além de chocante, mostra o quanto a obra merece estudos, criando campo fértil para estudos feministas, estudos LGBT³, estudos pós-coloniais, estudos chicanos, dentre outras áreas.

Borderlands/La Frontera examina a condição das mulheres nas culturas latina e chicana, chicanos na sociedade americana branca e lésbicas no mundo hétero. Pela combinação de uma narrativa histórica e biográfica, Anzaldúa permite ao leitor conhecer a situação da mulher dentro do contexto fronteiriço. Para a autora, a melhor saída para as mulheres de sua cultura é a educação, como porta de saída de um mundo de opressão e subserviência ao poder masculino.

The culture and the Church insist that women are subservient to males. If a woman rebels she is a *mujer mala*. If a woman doesn't renounce herself in favor of the male, she is selfish. If a woman remains a *virgen* until she marries, she is a good woman. For a woman of my culture there use to be only three directions she could turn: to the Church as a nun, to the streets as a prostitute, or to the home as a mother. Today some of us have a fourth choice: entering the world by way of education and career and becoming self-autonomous persons (ANZALDÚA, 1987, p.39).

Anzaldúa expõe que a fronteira entre México e Estados Unidos não só demarcou um espaço territorial, estabeleceu também um abismo entre dois povos, onde se romperam crenças, sonhos e culturas. Ao narrar as precariedades da vida fronteiriça, Gloria Anzaldúa consegue dar voz aos sujeitos subalternos que povoam sua obra, relatando sua própria experiência de vida “fronteiriça”.

Desse modo, o texto rediscute o conceito de fronteira, não apenas como uma divisão territorial, mas também como uma divisão da identidade cultural, social e física que distanciam os povos e suas relações de poder. Segundo a autora:

The U.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds [...] – a border culture. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. *Los atravesados* live here: the squint-eyed, the perverse, the queer [...] in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the

³ Sigla que representa a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Trata-se de um movimento que luta pelos direitos de seus membros e contra a homofobia no Brasil.

"normal." Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors [...] (ANZALDÚA, 1987, p.25).

Observa-se que Anzaldúa produz sua obra a partir da condição na qual se encontra, quer tenha consciência disso ou não, embora por toda sua trajetória intelectual pública posiciona-se enquanto defensora da causa chicana, *the new mestiza*, “this book, then, speaksofmyexistence” (ANZALDUA, 2012, p.19). A *consciência subalterna* fala por sua obra. Diálogo estabelecido com o que discute Walter Mignolo:

[...] a razão subalterna é aquilo que surge como resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial (MIGNOLO, 2003, p. 143).

É oportuno mencionar o que propõe John Beverly (2004), ao observar que a perspectiva subalternista conduz à possibilidade de nova política interpretativa, que oportuniza sair das amarras europeia e americanista, dando vida ao embate entre o latino-americanismo e a hegemonia americana, desenvolvendo novas perspectivas para seus povos.

Segundo Beverly (2004), os estudos subalternos não só implicam nova forma de produção autocrítica acadêmica, como também conduzem à possibilidade de nova concepção do projeto de esquerda em condições de globalização e pós-modernidade, ocasião em que o desejo de democratização e desierarquização cultural se faz presente.

Dessa forma, entende-se “subalterno” como expressão que se refere à perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica - daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado - bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico.

Isso explica o fato de a análise deste artigo partir do texto literário como matéria discursiva cultural e tratar de forma específica de questões culturais e sociais que permeiam a obra, em que se busca ouvir o grito latino-americano na afirmação de sua cultura local. Um saber local representado por seus próprios intelectuais, libertando-se de

um colonialismo teórico que vem caracterizando, há anos, os caminhos da crítica e da teoria literária.

A condição de subalternidade é a condição do silêncio, ou seja, o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. GayatriChakravortySpivak, no texto *Can the subaltern speak?* (1988), aponta para o termo “subalterno”, não apenas como uma palavra clássica para o oprimido, mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o “subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é.” Neste contexto, verifica-se, por um lado, a divisão internacional entre a sociedade capitalista regida pela lei imperialista e, por outro, a impossibilidade de representação daqueles que estão à margem ou centros silenciados. Sobressai aí o questionamento instigante de Spivak: podem os subalternos falar?

Spivak privilegia, em seu trabalho, o projeto feminista, refletindo sobre a consciência da mulher subalterna. Uma vez posta à margem da sociedade no contexto da produção colonial em que o homem é o dominante, a mulher subalterna não tem história e não pode falar, sendo colocada às sombras.

Voltemos às palavras da pesquisadora indiana, ao enfatizar que “o subalterno feminino não pode ser ouvido ou lido,” o que implica conquistar um espaço de enunciação e garantir um lugar de discurso, ou seja, posicionar seu *locus* cultural ou *locus* discursivo em face da presença hegemônica masculina.

Spivak afirma que o:

[...] subalterno não pode falar e que não há nenhuma virtude em ter a mulher nos textos globais como um item de piedade e que a intelectual feminina enquanto intelectual tem uma tarefa circunscrita da qual ela não pode se manter como um adorno (SPIVAK, 1988, p.308).

Revisitando a perspectiva apresentada por Spivak, Anzaldúa deixa de ocupar o lugar de adorno ora mencionado e expõe a ferida que ainda marca a cultura dos imigrantes mexicanos/chicanos no contexto fronteiriço. Tal ferida continua aberta, sangrando, sem conseguir cicatrizar, pois as culturas sempre estarão em choque. Para Anzaldúa, o imigrante é um deslocado e a fronteira sempre estará fechada para ele, pois:

Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them*. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. [...] Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors, aliens-whether they possess documents or not, whether they're Chicanos, Indians or Blacks(ANZALDÚA, 1987, p.3).

Retomando as palavras de Beverly (2004), “os estudos subalternos tratam sobre o poder, sobre quem o tem e quem não o tem, quem está ganhando e quem está perdendo” (p.23). Aloja-se aí a dificuldade do debate acerca da representação do subalterno enquanto sujeito social dentro do discurso hegemônico e dos muros da universidade, porque os estudos subalternos “não são apenas novas formas de produção de conhecimento acadêmico, devem ser, também, formas de interferir politicamente nessa produção” (p.56).

Seguindo esse pensamento, o crítico Edward Said (2005) pontua que “os verdadeiros intelectuais devem correr o risco de serem queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo” (p.22). Said (2005), ao apresentar sua visão sobre o intelectual, categoriza-o como um “exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (p.15). Posiciona-se como um questionador do nacionalismo patriótico, do pensamento corporativo e do sentido de privilégio de classe, etnia ou gênero. Em outras palavras, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face das pressões do mundo contemporâneo.

Esta definição pode ser observada no texto de Anzaldúa, quando a autora se posiciona acerca de sua identidade:

So, don't give me your tenets and your laws. Don't give me your lukewarm gods. What I want is an accounting with all three cultures-white, Mexican, Indian. I want the freedom to carve and chisel my own face, to staunch the bleeding with ashes, to fashion my own gods out of my entrails. And if going home is denied me then I will have to stand and claim my space, making a new culture-*unacultura mestiza*-with my own lumber, my own bricks and mortar and my own feminist architecture(ANZALDÚA, 1987, p.44).

A obra de Anzaldúa não apenas dialoga diretamente com o estabelecido pelos postulados nos estudos da subalternidade; trata-se de uma forma de pensar os conceitos -

por ora definidos a partir da perspectiva machista dominante, americanista e europeia –de repensá-los sob o viés latino-americano.

Ao atribuir a seus personagens uma não identidade, na qual não há nomes e rostos, Anzaldúa consegue descrever a face subalterna dos seres que vivem na fronteira, pois não se trata de uma autora que trabalha com a temática fronteira, ela é um ser fronteira, um ser atravessado, *faceless*, como todos os outros.

Com efeito, os seres subalternos que habitam a fronteira são assim representados no livro de Anzaldúa:

Faceless, nameless, invisible, taunted with "Hey cucaracho" (cockroach). Trembling with fear, yet filled with courage, a courage born of desperation. Barefoot and uneducated, Mexicans with hands like boot soles gather at night by the river where two worlds merge creating what Reagan calls a frontline, a war zone. The convergence has created a shock Culture, a border culture, a third country, a closed country (ANZALDÚA, 1987, p.11).

Diante disso, questões referentes a crenças, sexualidade e cultura estampam as páginas de uma narrativa única que dá lugar aos sujeitos subalternos, onde duas ou mais culturas se encontram em seus limites e se confrontam permanentemente. A obra de Anzaldúa torna-se campo fértil para reflexões que ultrapassam o conceito de fronteira como limite entre países, que vai muito além das fronteiras ideológicas. Rememorando as palavras de Canclini (2013), as fronteiras se movem, podem estar rígidas ou caídas, tomadas pela hibridez que a faz viva e dinâmica.

De todo o exposto, *Borderlands/La Frontera* é o lugar que reconhece o limite entre essas histórias, o limite entre as diferentes culturas e pessoas, onde os subalternos são revelados e suas feridas expostas.

Referências

ANZALDUA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDUA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BEVERLEY, John. *Subalternidad y representación: debates em teoria cultural*. Tradução de Mayrlene Beiza y Sergio Villalobos-Ruminott. Madri: Iberoamericana, 2004.

BRASIL SEM HOMOFOBIA. LGBT. Disponível em: <http://www.prsp.mpf.gov.br/prdc/area-de-atuacao/dsexuaisreprod/Brasil%20sem%20Homofobia.pdf>. Acesso em 26/11/2014. p.30.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2013.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPIVAK, Gayatri C. Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary and GROSSBERG, Lawrence (eds). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago Press, 1988. p. 271-313.